

De quem é esse samba?

Capítulo	2 — Samba: a invenção da música "nacional"
Ano sugerido	9º ano
Disciplina	História
Em parceria com	Língua Portuguesa, Arte
Tempo sugerido	2 aulas de 50 minutos

Professor(a): _____ Turma: _____ Data: ____ / ____ / ____

TEMA GERAL

A criação coletiva que vira propriedade de um: o primeiro samba gravado, a casa onde nasceu e o Rio de Janeiro recém-saído da escravidão.

Problema norteador: *Uma música feita por muita gente numa festa pode ter um dono?*

HABILIDADES

- **EF09HI03** Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.
- **EF09HI04** Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

No ENEM: Matriz de Referência do ENEM. Ciências Humanas e suas Tecnologias: H1 — Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura; H5 — Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.

OBJETIVOS

- Identificar e comparar a canção e os demais documentos da aula como fontes históricas, para responder à pergunta norteadora: Uma música feita por muita gente numa festa pode ter um dono?
- Compreender Rio pós-abolição: migração baiana, Cidade Nova, Praça Onze, as casas das tias.
- Compreender repressão policial ao batuque e ao candomblé — a cultura negra entre o caso de polícia e a moda.
- Compreender a casa de Tia Ciata como espaço de festa, religião e articulação política.
- Reconhecer o percurso da aula no produto final: o cartório da turma. Cada grupo cria em roda, e grava no celular, um refrão curto de quatro versos, feito coletivamente. Depois decide por escrito quem assina aquilo e por quê — e compara a própria decisão com a de 1916.

O aluno entende propriedade de coisa, não de ideia. Registrar uma canção em cartório é um gesto histórico datado, e vê-lo acontecer pela primeira vez torna visível uma categoria que ele usa todo dia sem perceber.



A disputa não é curiosidade: ela expõe quem tinha acesso a cartório, jornal e gravadora num Rio a menos de trinta anos da abolição — e quem não tinha.

As reivindicações de autoria estão em jornal, e jornal tem interesse. Crítica de fonte aplicada, com um caso que a turma consegue segurar inteiro.

CONTEÚDOS ENVOLVIDOS

- Rio pós-abolição: migração baiana, Cidade Nova, Praça Onze, as casas das tias.
- Repressão policial ao batuque e ao candomblé — a cultura negra entre o caso de polícia e a moda.
- A casa de Tia Ciata como espaço de festa, religião e articulação política.
- Registro, autoria e direito: a canção como bem que se possui.
- Carnaval, disco e mercado: por que 1917 e não antes.
- A venda de sambas e a parceria imposta: quem não chegava ao estúdio vendia a composição, e o nome que ficava no disco era outro.
- Acervo sonoro: o que se preserva, o que se digitaliza e o que desaparece sem decisão de ninguém.

DESENVOLVIMENTO

1. As gravações de 1917 (10 min · escuta)

Escuta em sequência, sem informação nenhuma, das duas gravações de 1917 que chegaram até hoje. Qual soa festa, qual soa desfile? O que muda quando entra uma voz?

2. O mesmo samba, três vezes (10 min · exposição)

Revela-se que é o mesmo samba, gravado três vezes no mesmo ano de 1917, e que o que virou sucesso foi o mais simples de todos. A terceira gravação, da Banda Odeon, a turma não ouviu porque ela não está disponível em serviço nenhum: existe na história e não ao alcance de quem quer escutar.

3. Por que essa não chegou até nós (10 min · debate)

Em 1917 não se gravava para guardar, gravava-se para vender. O disco era de goma-laca, quebrava, e a matriz era propriedade da fábrica, que não tinha obrigação nenhuma de conservá-la. Não havia no Brasil, então, lei que mandasse depositar cópia de um fonograma em arquivo público. A turma monta a lista do que precisa acontecer para que uma gravação de cem anos chegue até um celular hoje: alguém precisou guardar um exemplar físico em estado tocável, alguém precisou digitalizá-lo, e alguém precisou ter interesse — comercial ou institucional — em fazê-lo circular. Basta falhar um desses elos. A pergunta que fecha: quem decide o que do passado continua audível, e quanto do que se perdeu se perdeu sem que ninguém tenha decidido nada?

4. A pergunta do dono (5 min · leitura)

Mostra-se o registro de 1916 em nome de um só, o parceiro que aparece depois, e os outros músicos que reivindicaram a criação.

5. Onde aquilo foi feito (5 min · exposição)

A casa de Tia Ciata, o que acontecia ali, e por que uma festa era também ato político num país que havia perseguido o batuque.

6. Quem podia registrar? (20 min · debate)



A turma monta a lista do que era preciso ter — dinheiro, endereço fixo, letramento, jornal amigo — e chega sozinha à resposta. Só então entra o que veio depois e confirma a hipótese: a venda de sambas, o repasse dos direitos por uma quantia, a parceria que dava coautoria ao intérprete, e a frase que Donga deixou sobre o assunto, a de que samba é como passarinho que voa, de quem pegar primeiro.

7. Ponte com hoje (20 min · debate)

O que acontece quando um trecho de música viraliza sem crédito.

8. O cartório da turma (25 min · produção artística)

Cada grupo cria em roda, e grava no celular, um refrão curto de quatro versos, feito coletivamente. Depois decide por escrito quem assina aquilo e por quê — e compara a própria decisão com a de 1916.

MATERIAIS

Pelo telefone Bahiano · 1917 · Casa Edison / Odeon, lançada em janeiro de 1917, com cavaquinho e violão apenas
A gravação mais simples das três, e a que virou sucesso no carnaval daquele ano.

Pelo telefone Banda Odeon · 1917 · Gravação instrumental de 1917, sem cópia acessível hoje
A primeira das três gravações de 1917, e a única que não está disponível em nenhum serviço de áudio. Entra na aula como ausência: é sobre ela que se discute o que sobrevive de um acervo sonoro e o que se perde.

Pelo telefone Banda do 1º Batalhão da Polícia da Bahia · 1917 · Gravação instrumental, 1917
A terceira decisão sobre a mesma música — a que soa desfile.

Pelo telefone Regravação recente, à escolha da turma
Para medir o que uma canção acumula em cem anos.

- link: Bahiano, Pelo Telephone, 1917 (Discogs) — <https://www.discogs.com/release/11298640-Bahiano-Pelo-Telephone>
- link: Pelo telefone na Discografia Brasileira / IMS — <https://discografiabrasileira.com.br/fonograma/14772/->
- link: O centenário de Pelo telefone (Jornal da USP) — <https://jornal.usp.br/artigos/o-centenario-de-pelo-telefone/>
- pdf: Pelo telefone: polêmicas a respeito do primeiro samba gravado (Veredas/Unisa) — <https://periodicos.unisa.br/index.php/veredas/article/download/24/14/87>
- link: Pelo Telefone e a história do samba (Musica Brasilis) — <https://musicabrasilis.org.br/pt-br/artigos/pelo-telefone-e-historia-do-samba/>
- link: Donga (Enciclopédia Itaú Cultural) — <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/43428-donga>

BIBLIOGRAFIA

BRUZADELLI, Victor Creti; SOUSA, Rainer Gonçalves. História da Música Popular Brasileira para Vestibulares e ENEM. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2026.

AValiação e Produção dos Alunos

O cartório da turma. Cada grupo cria em roda, e grava no celular, um refrão curto de quatro versos, feito coletivamente. Depois decide por escrito quem assina aquilo e por quê — e compara a própria decisão com a de 1916.

- Uso da canção como fonte, e não como ilustração: a afirmação histórica se apoia no que se ouve.



- Correção e datação do contexto histórico mobilizado.
- Clareza do argumento e distinção entre o que a fonte prova e o que apenas sugere.

